



## As dimensões da floresta nos séculos XII e XIII – o real e o imaginário

Ana Patrícia Estácio<sup>1</sup>

**Resumo:** Do Rei ao marginalizado, a floresta terá sido utilizada pelos mais diversos grupos que compunham a sociedade medieval. Como espaço importante, dela a população obtém recursos animais e vegetais, é palco do exercício da caça, porém, é igualmente um local perigoso, por onde deambulam indivíduos que se encontram à margem da sociedade, e que podem atacar e saquear quem por nela viaja. Este medo encontra-se igualmente associado a um outro tipo de receio – o sobrenatural. É na floresta que se dão os encontros com seres maravilhosos, que encontramos presentes nos mais diversos textos literários da Idade Média. Através da leitura e análise de fontes literárias inglesas, procura-se analisar as duas dimensões da floresta medieval – o real e o imaginário. E, assim, compreender a relação da população com este espaço, com os seus ocupantes e com os seres que compõem o mundo do sobrenatural. Ao mesmo tempo, com foco na cultura popular e na análise e compreensão da mentalidade dos indivíduos dos séculos XII e XIII.

**Palavras-chave:** Floresta; Imaginário Medieval; Inglaterra; Séculos XII-XIII; Cultura Popular

**Abstract:** From the King to the marginalized, the forest has been used by the most diverse groups in the medieval society. As an important space from which people obtain animal and plant resources, it is also a hunting ground, but it was also a dangerous place where people who are on the margins of society roam, and who can attack and loot those who travel through it. This fear is also associated with another type of distress – the supernatural. It is in the forest that the encounters with the marvelous beings take place, which we find present in the most diverse literary texts of the Middle Ages. Through the reading and analysis of English literary sources, we intend to analyze both dimensions of the forest – the reality and the imaginary. And, thus, understand the relationship of the population with this space, with their occupants and with the beings that make the world of the supernatural. At the same time, with a focus on the popular culture and in the study and understanding of the mentality of the individuals of the 12th and 13th centuries.

**Keywords:** Forest; Medieval Imagination; England; 12th and 13th centuries; Popular culture.

<sup>1</sup> Centro de História da Universidade de Lisboa  
<https://orcid.org/0000-0003-3563-7936>  
E-mail: a-patricia@edu.ulisboa.pt





## 1. Introdução

Na Idade Média, a floresta apresenta-se como um espaço de elevada importância, sendo palco de encontros com os mais diversos indivíduos. Nela cruzam-se dois mundos – o real e o imaginário. Em ambos a população pode encontrar perigos, tornando a floresta num espaço complexo e diferente para cada grupo social.

Como espaço real, encontrava-se ligada ao cultivo, dada a predominância de recursos naturais, ao pastoreio, mas também surgia como local de actividades nobres, designadamente a caça, muito apreciada pelos monarcas. Este local, muitas vezes descrito na literatura medieval como selvagem, serviu como refúgio religioso, de eremitas e pagãos, mas também de criminosos. Espaço de aventureiros, a floresta compreendia, assim, dois pólos distintos. No mundo do maravilhoso também encontramos a floresta, onde estão presentes diversos seres fantásticos, como fadas ou a *Wild Hunt*, a caçada fantástica, com os quais a população medieval poderia ter contacto (ou somente avistar estes seres), em determinados momentos do dia-a-dia.

A floresta surge, assim, como espaço pluridimensional, albergando dois ou vários mundos em si – o espaço real, utilizado pela população, e um espaço sobrenatural. Além dos romances de cavalaria, onde reside o foco maior dos estudos acerca desta temática, este espaço e respectivos encontros com o fantástico encontram-se descritos em crónicas e outros géneros literários. Neste seguimento, com base nas obras de Walter Map, *De Nugis Curialium*, Gervase of Tilbury, *Otia Imperialia*, e na Crónica de Lanercost, o presente artigo pretende analisar a floresta como espaço bidimensional que possibilita o contacto entre dois mundos distintos, o dos humanos e o dos seres sobrenaturais, nos séculos XII e XIII na área da Inglaterra.

## 2. A Europa medieval

### 2.1 O imaginário

Na Idade Média, o imaginário encontrava-se presente na vida do homem e da mulher, sendo que se entende como “[...] a visão do Mundo para lá do visível.”. Na verdade, considera-se a existência de vários imaginários medievais – e não apenas um, tendo em consideração a volubilidade da visão que o indivíduo possuía do mundo, bem como o tempo e espaço (BARBOSA, 2016: 341-343). Inseridos no quotidiano, estes «imaginários» continham situações inexplicáveis e elementos que se distanciavam do que





seria tido como “normal”. Não obstante, para o sujeito medieval, estes eram considerados reais, acreditando na sua existência (BARBOSA, 2016: 348-351). Ainda que pudessem causar reacções de medo e terror, os fenómenos não eram encarados como imprevisíveis (GOFF, 1989: 25-26), sendo que a população não se interrogava acerca da presença do fantástico no dia-a-dia (GOFF, 2017: 23).

Jacques Le Goff salienta que o maravilhoso possuía uma função de “[...] contrapeso à banalidade e à regularidade do quotidiano.” Mas seria igualmente um tipo de resistência cultural à ideologia cristã devido à «desumanização do universo» presente, com criaturas mágicas e monstros que contrariam o ideal cristão relativo ao homem feito à imagem de Deus (GOFF, 2017: 21-22). Mormente, o imaginário corresponde ao domínio do «invisível», algo que se insere no conjunto de «obsessões» do sujeito medieval (GOFF, 1989: 26). Dentro deste mundo invisível e fantástico existiam seres e/ou acontecimentos de cariz sobrenatural. Acerca deste termo, Angrímur Vídalín assevera que na Idade Média se referia ao que existe além da natureza – milagres, anjos, demónios e respectivos prodígios (VÍDALÍN, 2016: 9). A presença de forças ou seres sobrenaturais pertence às características do maravilhoso medieval (GOFF, 1994: 50). Convém salientar também que nos séculos XII e XIII se começa a difundir bastante na cultura erudita, surgindo três conceitos distintos: *mirabilis*, *magicus* e *miraculosus*. Precisamente o primeiro destaca-se, visto evocar admiração e espanto, pois trata-se de algo que não é compreensível, com as razões do seu surgimento implícitas (RÜTH, 2011: S93-S94). Este conceito corresponde ao maravilhoso, com origens pré-cristãs (GOFF, 1994: 48-49) e que podemos encontrar na cultura popular.

Portanto, o imaginário vigorava no dia-a-dia da população medieval, laica ou eclesiástica, sendo considerada uma presença real e habitual, ainda que pudesse causar inquietações e espanto. Estes «imaginários» compunham, assim, um conjunto de seres, acontecimentos e lugares sobrenaturais que vamos encontrar na cultura erudita. Ainda que correspondesse a uma cultura de letrados, esta contém elementos do folclore, de origens pagãs e que permaneceram na sociedade medieval.

## 2.2 O espaço

A paisagem da Europa na alta Idade Média ainda se baseava na antiga exploração romana, com cultivos e exploração dos recursos animais e vegetais diversificados conforme a região, e com uma natureza não-domesticada em ascensão. Contudo, a partir do século X ocorre uma inversão com a expansão e intensificação agrícola, através da





desflorestação, a conversão de prados em cultivo arável, entre outros (JONES, 2013: 48-49). Entre o século X e o XII inicia-se igualmente a expansão do cultivo nas florestas, sendo que a acção de desflorestação apenas abranda nos séculos XII e XIII e nas áreas que compreendiam a «Floresta Real». Isto deve-se à presença de recursos, sobretudo animais (JONES, 2013: 51-53), que possibilitavam a prática da caça. Neste sentido, estabeleceram leis direccionadas à exploração destas florestas, nomeadamente direccionadas aos direitos de caça. Em Inglaterra no século XIII, verificamos que as florestas de uso exclusivo do rei abrangiam bastante território (JONES, 2013: 78-79). Não obstante, o espaço não compreendia apenas o seu uso, mas continha significados. O mundo exterior recebia significado através do uso do espaço e/ou do local, por palavras, metáforas, entre outros (HANAWALT; KOBIALKA, 2000: X). Na literatura, a floresta surge como região selvagem e pagã, em oposição ao espaço civilizado, onde habita a população (COHEN; MADELINE, 2016: 226). Como iremos abordar nos capítulos seguintes, a floresta não ocupa apenas uma dimensão no período medieval – como local de obtenção de recursos vegetais e animais ou inclusive local inabitado. Esta possui também uma ligação com o imaginário e subsequente cultura popular, algo que encontramos presente nos textos da época.

### 2.3 A floresta

A floresta – inserida na paisagem selvagem, possuía um papel importante na vida da população na Idade Média. Esta funcionava como uma espécie de deserto não cultivado e, ao mesmo tempo, como área de pastagem para animais. Mas também como espaço de caça, uma actividade muito importante neste período, sobretudo para nobres (SAUNDERS, 1993: 1-2).

Primeiramente, surge associada aos recursos que possui e que pode oferecer à população. Seria, então, útil como reserva de caça, terreno de apanha, colecta de produtos como o mel, extracção de madeira e para a obtenção de matéria-prima para a indústria vidreira e metalúrgica. A floresta servia igualmente de campo de pastagem para os animais domésticos, nomeadamente para os porcos (GOFF, 2017: 41). Estes produtos da floresta seriam fornecidos pelos camponeses nos mercados (GOFF, 1989: 86). Inclusivamente, sabemos que a floresta ocupava áreas maiores, tendo apenas «manchas salpicadas de clareiras», pelo que seria um local pouco acolhedor (GOFF, 2017: 41-42). No Ocidente, existe uma contraposição entre cultura e natureza, onde se situa o universo dos homens, o mundo habitado – a cidade-castelo-aldeia, e o selvagem, o universo da





solidão – a floresta que equivale ao deserto oriental (GOFF, 2017: 48). Não obstante, existiam trabalhadores da floresta, cujo ofício consistia, entre outras funções, no corte da madeira e na feitura do carvão (GOFF, 1989: 87).

Em segundo lugar, a floresta desempenhava o papel de fronteira, de refúgio para os cultos pagãos, para os eremitas que procuravam nela o deserto desejado – como referido, para os vencidos e para os marginalizados. Este último grupo compreendia os servos fugitivos, assassinos, aventureiros e os malfeitores (GOFF, 2017: 41). Por se tratar de um espaço ligado ao deserto – floresta-deserto –, existem dois grupos que coabitam: o eremita e o marginal, como podemos inclusive observar no folclore, com *Robin Hood* (GOFF, 2017: 47). Nestas histórias sobre foras-da-lei, a floresta ocupa um papel central, pois tratava-se do local de habitação e obtenção de comida. Para os marginalizados este espaço seria uma espécie de asilo da tirania dos senhores e da lei corrupta, pois tratam-se de indivíduos pertencentes a diferentes pólos da sociedade (KEEN, 2000: 2). De acordo com Maurice Keen, existem similaridades entre a figura de *Robin Hood* – personifica a figura do marginalizado, e os seus fora-da-lei e o povo das fadas, pois habitam na floresta e vestem roupas idênticas, como o uso do verde (KEEN, 2000: 219).

Como supracitado, a floresta na Idade Média possuía extensas áreas com zonas de cultivo, de madeira e para a caça, sendo que esta última possuía leis especiais (KEEN, 2000: 140). Do mesmo modo, continha muitos caminhos, bifurcações e encruzilhadas. Segundo Penelope Doob, a floresta pode ser um labirinto, selvagem e com bastantes canais bem definidos. Trata-se de algo aparentemente inconsistente que combina zonas por trilhar, a falta de caminhos e uma multiplicidade destes, interconectados, o que vai de encontro com a tradição do labirinto, que pressupõe apenas duas alternativas (DOOB, 1992: 177-178).

No período medieval a floresta encontra-se igualmente interligada ao imaginário. Sabemos que nesta época, lugares desertos e/ou zonas selvagens cobertas de florestas provocavam medo, pois contrariavam a vida social. Além disso, os espaços selvagens seriam habitados por forças demoníacas. Ao mesmo tempo, havia uma procura de santidade, originando a deslocação para estas áreas (GOFF, 1989: 236). Como tal, a floresta surge associada ao deserto, numa óptica simbólica que advém do impacto da religião, nomeadamente da Bíblia cristã (GOFF, 2017: 35). Isto sobretudo devido ao cristianismo primitivo, em conjunto com os textos hagiográficos e o eremitismo. O impacto do eremitismo oriental, com a deslocação de monges para o deserto numa procura de solidão e do encontro com Deus levou à busca de desertos geográficos no





Ocidente. Tendo em consideração as características geográficas da Europa medieval, a floresta surge como lugar preferido (GOFF, 2017: 37-40).

Contudo, o sentido simbólico da floresta surge mais vincadamente na literatura, destacando-se os romances de cavalaria e as canções de gesta, onde encontramos a presença da «floresta-deserto». Na denominada «literatura palaciana» encontramos este espaço no centro da aventura cavaleiresca, de papel material e simbólico (GOFF, 2017: 44), como palco de provas de iniciação e aventuras. De acordo com Jacques Le Goff, a aventura cavaleiresca também estava presente no quotidiano, referindo-se à caça. Entre os animais, destaca-se o veado, o javali e o urso, consideradas as «grandes e nobres» feras predilectas, presentes nas florestas europeias (GOFF, 1989: 69). A passagem pela floresta não pressupõe apenas provas, como é igualmente um momento de recolhimento e peregrinação na solidão. Além de ser um espaço de solidão, trata-se também de uma floresta traiçoeira, pois é onde ocorrem alucinações e das tentações, como sucede aos eremitas. Nestas obras, a floresta assume o papel de «floresta-refúgio», para onde amantes fogem e se refugiam e «floresta-deserto», como local de vida «selvagem», de penitência e asilo. Verificamos, então, que a floresta não se trata de uma zona de absoluta solidão, nem selvajaria, pois existem pessoas que habitam nela e que muitas vezes permanecem em contacto com o exterior, como os eremitas. Em termos de características, a floresta surge descrita na literatura como «imensa» e «aterradora» (GOFF, 2017: 44-47).

Todavia, a floresta pode ser igualmente espaço de entrada para uma realidade temporal distinta, onde o tempo pode decorrer mais devagar ou mais rápido em comparação com o mundo humano. Nas histórias de fadas surge como a entrada típica para o «Outro Mundo» – não se trata do Além, mas sim de um mundo que alberga seres sobrenaturais. A título de exemplo, em lendas galesas o denominado «anel de fadas» surge como entrada para esse espaço, dentro do qual a passagem do tempo difere – mais lento que no mundo humano. Noutras situações, ocorre através do uso de um caminho que se realiza pela floresta. Apenas ao sair da “dimensão sobrenatural” se denota a passagem do tempo diferente. Neste sentido, verificamos a conexão entre a floresta e outras dimensões de cariz sobrenatural, bem como a alteração do decorrer do tempo (MENCEJ, 2012: 39-43). Assim, segundo M. Mencej, a floresta representa um espaço liminar que divide este e o outro mundo, isto é, o espaço habitado do caótico, o mundo seguro de um mundo perigoso, mas sendo igualmente um limiar para o outro mundo (MENCEJ, 2012: 45).

Em suma, área florestal na Europa medieval ocupava uma grande porção do território e detinha uma elevada importância económica, sendo por isso bastante utilizada





na obtenção de recursos animais e vegetais. Dentro deste espaço, encontramos a floresta régia, muito importante como reserva de caça. Entre os habitantes da floresta salienta-se o eremita e o marginalizado, que utilizavam este espaço como deserto e refúgio. Quanto ao eremita e à «floresta-deserto», evidencia-se o simbolismo deste espaço associado ao sagrado e ao cristianismo. Ainda que habitada, a floresta detém semelhanças com o labirinto, tendo em conta a densidade, os caminhos que possui e o seu aspecto selvagem e inóspito.

No que concerne a floresta imaginária, esta surge como cenário de provas, iniciação e aventura cavaleiresca, que também inclui a caça de determinados animais, peregrinação e solidão. Em adição, o facto de a floresta também poder albergar criaturas sobrenaturais, como demónios, origina medo por parte da população. Em consonância com o medo que causa, é observada como um espaço traiçoeiro devido ao que se poderá encontrar nela, e caracterizada como «imensa» e «aterradora». Ao mesmo tempo, possui o papel de deserto para os eremitas numa óptica simbólica associada ao misticismo e de refúgio de amantes na literatura da época. Além destes aspectos mencionados, convém referir o seu papel como espaço de passagem para o «Outro Mundo», sobretudo o mundo feérico, que possibilita igualmente o contacto entre humanos e seres sobrenaturais. Assim, verificamos a variabilidade de dimensões que a floresta na Idade Média assume, desde espaço real, importante para a população em geral, ao espaço do imaginário, que proporciona encontros sobrenaturais.

#### 2.4 As fontes

Relativamente às fontes, estas tratam-se de obras textuais elaboradas nos séculos XII e XIII, na Britânia, sendo predominantemente de natureza literária, à excepção da Crónica de Lanercost.

Em primeiro lugar, a obra *Otia Imperialia*, redigida por Gervase of Tilbury terá sido dedicada ao Imperador Otto IV. Esta foi igualmente elaborada com base no conhecimento que o autor adquiriu através de viagens na Europa Ocidental e de contactos com grandes governadores da época (BANKS; BINNS, 2002: xxv). Trata-se de uma obra de conteúdo diverso, começando com a criação e história inicial do mundo, passando pela descrição de partes do mundo, crónicas dos respectivos povos e maravilhas (BANKS; BINNS, 2002: xli). Por este motivo, estudiosos consideram a sua obra um tratado enciclopédico (MARZELLA, 2017: 574). Quanto a *De nugis Curialium*, redigida por Walter Map, um clérigo secular em finais do século XII. Contém sátira, mas também





histórias, algumas para o divertimento dos cortesãos (JAMES, 1983: xxxiii). Segundo Francesco Marzella, trata-se de uma coleção de contos pequenos ou longos de diferentes tipos (MARZELLA, 2017: 574). Entre estas histórias contadas encontramos manifestações sobrenaturais. Walter Map, bem como Gervase of Tilbury, tenta igualmente explicar a origem destes eventos fantásticos, ainda que permaneça frequentemente ambíguo (MARZELLA, 2017: 593-594). Relativamente à última - Crónica de Lanercost, desconhece-se a sua autoria, porém os estudiosos afirmam que detém origem franciscana (LITTLE, 1916: 269-270), cobrindo uma cronologia entre o ano 1201 e 1346. Nela encontramos passagens que caracterizam algumas florestas, descrevem a sua utilidade como espaço e quem se ocupa das mesmas - «floresteiros» e «others of the Forest». Mas também surge associada a um acontecimento maravilhoso. C. S. Watkins salienta que as histórias que os cronistas dos séculos XII descrevem - acerca de caçadas fantásticas, aparições, fadas, entre outros, exigem atenção pois despertavam espanto e eram significativas (WATKINS, 2007: 19).

Em síntese, tratam-se de obras que se distanciam dos romances de cavalaria, mas que possuem narrativas de eventos maravilhosos. A inclusão deste tipo de relatos evidencia a mentalidade da época, incluindo as crenças dos autores, que procuraram explicar estes acontecimentos sobrenaturais.

### **3. As dimensões da floresta nos séculos XII e XIII na Britânia - o real e o maravilhoso**

Durante a Idade Média a floresta desempenhava um papel bastante importante na economia e na vida rural. Como tal, existiam leis que abrangiam este espaço, nomeadamente quando se tratava de uma floresta régia, algo que se manteve no século XIII (BIRRELL, 1987: 26). Na Britânia medieval não se resumia apenas à sua função concreta em termos recursos e espaço de pastoreio. É igualmente palco de um conjunto de acontecimentos e/ou manifestações de cariz sobrenatural. Segundo Gaston Roupnel, a floresta detinha uma elevada importância para o Homem, desde tempos primórdios, dado que se tratava de uma extensão dos seus campos, completando-os. Ao mesmo tempo, tratava-se do lugar que continha «temores lendários» (GOFF, 2017: 40-41).

Durante todo o período medieval, as florestas surgem como espaço de obtenção de recursos para os diferentes grupos populacionais. Sabe-se que em 1280 o rei de Inglaterra obteve duzentos veados da floresta de Inglewood, aquando da sua visita e da





rainha ao priorado de Lanercost (MAXWELL, 1913: 24). Isto demonstra que existiria bastante vida selvagem na floresta e que esta servia como zona de caça (MOORMAN, 1952: 167). Além disto, a mesma floresta serviu para a recolha de um grande número de gado pelo “exército” de Eduardo Bruce (MAXWELL, 1913: 205). A caça na floresta correspondia a um privilégio aristocrata, pelo que estava reservada ao rei e aos nobres que possuíam esse direito. Sabemos igualmente que o veado-vermelho, o gamo, o veado e o javali compunham os recursos animais da floresta inglesa (RITTER; DAYKSTA, 2011: 45-49). Este dado vai de encontro ao relatado na crónica, em particular a presença abundante de veado. O gado, em conjunto com porcos, cavalos e ovelhas compreendia o grupo de animais que as florestas sustentavam, sendo também o principal animal de pastoreio na floresta de Inglewood (BIRRELL, 1980: 80-81). Assim, possivelmente a crónica de Lanercost relata a recolha de gado que se encontrava a pastar, demonstrando uma junção entre a sua função de provedora de recursos e local de pastoreio.

No entanto, as florestas régias eram administradas por um grupo de indivíduos de modo a preservar as árvores de madeira e a caça. No topo encontrava-se um guardião, que possuía a função de supervisionar outros guardiões florestais. Estes, todavia, possuíam funções distintas, pelo que abaixo na “hierarquia” estavam indivíduos responsáveis por fiscalizar a madeira e a carne de caça e, de seguida, oficiais não-remunerados (RITTER; DAYKSTA, 2011: 44). Podemos observar esta situação em *Otia Imperialia*, que descreve que os «foresters» (guardiões da floresta) guardavam os parques e reservas de caça ou florestas régias (BANKS; BINNS, 2002: 337) e na Crónica de Lanercost, que indica que os condes de Gloucester e Warenne “[...] cavalgaram pela grande Floresta de Selkirk, recebendo os guardiões da floresta e outros da Floresta em paz.” (MAXWELL, 1913: 191). A primeira evidencia um tipo de guardiões que se encontra no topo da hierarquia daqueles que cuidam das florestas, tendo em consideração a definição que o autor nos fornece, “[...] whom the people call foresters, that is, keepers of the parks and game preserves or royal woodlands [...]” (BANKS; BINNS, 2002: 337), enquanto a segunda parece referir-se a um grupo “inferior”.

A floresta surge igualmente associada ao cenário bélico. Na Crónica de Lanercost é descrito que o rei de Inglaterra procurou com os seus homens a floresta de Ettrick pelos Escotos, mas estes permaneceram escondidos e não deram batalha (MAXWELL, 1913: 289). Como tal, verificamos também que a floresta seria um local favorável ao refúgio. Sabemos que nos romances de cavalaria a floresta assume o papel de «floresta-refúgio», local para onde os amantes fogem (GOFF, 2017: 44-45). Aqui encontramos uma situação semelhante num contexto de batalha.





Em todas estas obras verificamos que as florestas surgem, geralmente, descritas como densas. Sabemos a Inglaterra se encontrava maioritariamente densamente arborizada, com florestas, durante a Idade Média, incluindo zonas já povoadas (HOSKINS, 1960: 69). Esta caracterização indica que, apesar da sua utilidade na obtenção de matéria viva ou orgânica – tornando-a um espaço desejável, seria igualmente repelente, dado ser um local inóspito (GOFF, 2017: 41-42). No século XII encontramos uma passagem que descreve uma floresta como «sombria», na qual terá sido encontrada «a most lovely girl» (JAMES, 1983: 347), possivelmente um ser feérico. Nos romances medievais, a floresta surge como um espaço de trevas e labirintos, sendo que ao sair é atingida a luz (DOOB, 1992: 187). Nas fontes analisadas encontramos igualmente um paralelismo entre a densidade, o seu aspecto «sombrio» e as trevas, que proporcionam encontros com o sobrenatural.

A par desta vertente real, mundana, a floresta surge igualmente ligada ao imaginário. Desde tempos antigos, as florestas encontram-se imersas em mistério, devido às sombras presentes nas zonas mais profundas. As pessoas acreditavam que nelas habitavam seres estranhos que possuíam poderes e características não-humanas, apesar de alguns poderem possuir forma humana (PORTEOUS, 2002: 90). Igualmente, no folclore europeu medieval, existe uma associação entre a floresta e os seres «do outro mundo» (MENCEJ, 2012: 43), como fadas e a *Wild Hunt* – que veremos adiante. A floresta permite um contacto entre mundos, pois trata-se do local onde os humanos e seres sobrenaturais se cruzam com mais frequência (SAUNDERS, 2010: 199). Podemos discernir uma diferença entre «espaço» e «local», na medida em que o primeiro surge como “[...] uma ideia abrangente ou arquetípica da floresta da narrativa [...]” e o segundo, “[...] o “lugar” específico que essa floresta se torna na sua implantação como parte de uma narrativa específica.”. Por exemplo, nos romances de cavalaria a floresta é considerada um «espaço», enquanto as florestas feéricas o «local» do “outro” (RYAN, 2011: 10-12). Assim, o facto de lhe serem atribuídos conceitos diferentes parece estar relacionado com a diferença entre a área mundana e a mágica, sendo que a segunda se encontra inserida na primeira – o «lugar» presente dentro do «espaço».

Em primeiro lugar, surge associada às fadas, pois trata-se do lugar predilecto para estes seres (PORTEOUS, 2002: 95). Walter Map, no século XII, descreve que Eadric Wild, aquando do seu regresso da caça no «país selvagem» (floresta), à meia-noite e perdido, encontrou um grande edifício na beira da floresta. Quando se aproximou verificou que dentro se encontrava um conjunto de senhoras nobres a dançar. Estas eram muito bonitas, mais altas que as mulheres comuns e com roupas finas. Elas dançavam e





cantavam um som em harmonia solene, que atingiu a atenção de um cavaleiro. No entanto, tratava-se de uma melodia cuja língua não compreendiam (JAMES, 1983: 155). Tanto a aparência física destas fadas – estatura, beleza e roupas, como a sua linguagem denotam aspectos culturais distintos (SCHWIETERMAN, 2010: 147). Além disso, existe uma associação entre as fadas e a dança – uma dança atractiva para os humanos e que faz o tempo parecer decorrer normalmente, quando na verdade difere do tempo humano. A dança das fadas geralmente ocorre numa colina (MENCEJ, 2012: 37) e, ainda que na obra de Walter Map exista uma conexão com a floresta, verificamos que o elemento natural se encontra presente. Este cavaleiro alude também “[...] as fábulas dos pagãos, os esquadrões nocturnos de demónios e a sua visão mortal, de Dictynna e as bandas de Driades e Lares [...]” (JAMES, 1983: 157). Aqui refere-se à deusa grega Diana, «Dictynna», e às suas ninfas do bosque, uma alusão utilizada na Idade Média geralmente para se referir a fadas, ou a «cortes nocturnas» de mulheres sobrenaturais (SCHWIETERMAN, 2010: 100). Eadric Wild leva uma das mulheres e casa com ela. Aqui o autor afirma que a maior prova de que se tratava de uma fada encontrava-se na sua beleza incomparável. Este relato termina com o desaparecimento da fada e a morte do cavaleiro por desgosto. Walter Map afirma que se trata de uma história de demónios *incubi* e *succubi* e que raramente se mencionado nas «histórias antigas» a prosperidade dos descendentes da união de humanos e fadas (JAMES, 1983: 157-159).

Um outro relato descreve como um cavaleiro da Bretanha, viúvo, encontrou a sua falecida mulher à noite num vale na companhia de mulheres. Este individuo terá sentido tanto maravilha como medo, não acreditando no que estava a observar e duvidando do que as fadas poderiam estar a fazer. Não obstante, levou a sua mulher e voltaram a unir-se, gerando família (JAMES, 1983: 345). De acordo com Juliette Wood, esta mulher terá sido raptada por fadas, sendo que o marido a resgatou (WOOD, 1992: 59), o que parece ir ao encontro da narrativa. Além do relato anterior, Walter Map descreve igualmente como um individuo chamado Henno encontrou uma rapariga, «a mais bela das coisas», numa floresta «sombria» ao meio-dia numa costa da Normandia. Esta vestia sedas reais e encontrava-se, inicialmente, sozinha, a chorar em silêncio. Após troca de palavras, verifica a criada lhe faz companhia. Henno promete protegê-la enquanto ela descansa, ao qual ela aceita. Com isto, leva-a consigo, casam e têm filhos. No entanto, passado um tempo, a dama ao evitar a água-benta, desperta a curiosidade da sua sogra, que a espia até verificar que, no banho se transforma num dragão (JAMES, 1983: 347-349).

O encontro, “rpto” e união com mulheres consideradas «as mais belas» tratam-se de características muito presentes. Estas não seriam meras mulheres mortais, mas de





fadas (WADE, 2011: 5), cuja característica essencial e definidora, segundo James Wade, se prende com a sua beleza nos romances literários da época, algo que também verificamos nesta obra. Trata-se de uma beleza sem precedentes e que corresponde a uma parte da sua natureza sobrenatural (WADE, 2011: 13-14). Estas fadas, contudo, diferem entre si: detemos fadas a dançar na floresta, como sucede no relato do cavaleiro que encontra um grupo de mulheres (fadas), e fadas amantes (concubinas), como na história de Eadric Wild (WADE, 2011: 5). Tal como sucede com outros seres sobrenaturais, aceitavam as fadas como existentes na ordem natural, pois não se encaixavam no sistema de “censura”, licenciamento ou regulamentação da época. Estas consideravam-se seres mais neutros que malévolos, mesmo que se referissem a *incubi* ou *sucubi*, como Walter Map refere. O que é curioso, pois geralmente estes últimos adquirem uma conotação demoníaca, sobretudo associada à tentação. Mais, teologicamente, as fadas existiam fora das categorias tradicionais da Igreja de dar sentido ao mundo circundante (WADE, 2011: 14-15).

No século XIII, Gervase of Tilbury narra o encontro entre o cavaleiro Raymond e uma senhora enquanto este cavalgava sozinho na região de Provença (França). Esta fada é igualmente descrita como «incomparável em beleza», montada num palafém ricamente ajaezado, com roupas e ornamentos sumptuosos. O cavaleiro procedeu ao discurso galante devido ao seu desejo, sendo que esta lhe responde que apenas através do casamento pode ser concretizado. No entanto, com a condição de que ele não a poderia ver nua, caso contrário perderia toda a prosperidade que disfrutaria na vida de casal. Apesar de concordar, quebra a promessa e a mulher transformou-se numa serpente, desaparecendo (BANKS; BINNS, 2002: 89-90). Segundo James Wade, este encontro detém palco na floresta, tal como os restantes (WADE, 2011: 112), e possui uma similaridade com Henno, cuja mulher (fada) se transforma num dragão quando é vista a tomar banho. Sabemos que «serpente» e «dragão» podem ser sinónimos na Idade Média, tendo em conta sobretudo a religião cristã (RUSSELL, 1984: 67). Por sua vez, a mulher descrita por Gervase of Tilbury possui duas funções – fada amante e matriarca, e uma proximidade com o demoníaco – quase-demoníaca, como a relatada por Walter Map (WADE, 2011: 122-123). Também, o «shapeshifting», a metamorfose, se trata de um motivo que verificamos presente nestas duas obras, algo que se encontra, geralmente, relacionado com o demoníaco (SAUNDERS, 2010: 97). Assim, a floresta compreende não só o contacto com o sobrenatural, mas também o perigo que este envolve, de acordo com a mentalidade cristã. Uma outra característica presente prende-se com o aumento de





prosperidade após o casamento com a fada e a queda abrupta caso não seja cumprida a promessa feita.

Segundo Beatrice Berti, existe um padrão específico que é seguido por contos como o da Melusina, onde os encontros entre um mortal e uma fada geralmente ocorrem numa floresta. Esta, por sua vez, representa o local onde procuram por alguma aventura, longe da sua habitação. Uma outra característica muito presente prende-se com o facto de, geralmente, o homem estar a caçar sozinho quando se depara com uma mulher vestida sumptuosamente, cujo nome não revela. Após o encontro segue-se um pacto de casamento, sendo que o homem deve respeitar a vontade da senhora, caso contrário a vida conjugal termina. Quando o pacto se quebra, a fada desaparece e ocorre como que uma derrota do «herói» (BERTI, 2015/2016: 17). Juntamente a isto, verificamos também que não só a vida conjugal termina, como a prosperidade do homem. Esta trata-se de uma narrativa bastante disseminada no Norte e Oeste da Europa cujas características se prendem com a presença de uma mulher sobrenatural – uma fada, que casa com um homem mortal, mas que passado algum tempo regressa para o seu mundo, abandonando-o juntamente com os filhos que gerou dessa união. Dentro do folclore recebe a designação de «lenda da fada noiva». Particularmente na área de Gales, o motivo do abandono da fada relaciona-se com a quebra de um tabu, como sucede com Edric Wild, Henno e Raymond. Estas narrativas evidenciam os perigos do contacto com o sobrenatural, com o «Outro Mundo» (WOOD, 1992: 56-59).

Ainda relacionado com este tema, Gervase of Tilbury relatava outro acontecimento numa floresta em Gloucestershire (Grã-Bretanha) que continha animais como javalis e veados, um tipo de caça comumente encontrado em Inglaterra – o que remete para os recursos animais destas zonas. O autor afirma que neste local, quem subisse ao outeiro sozinho e afirmasse “tenho sede” apareceria um copeiro de trajés ricos, rosto alegre e de mão estendida com um grande corno adornado com ouro e jóias. Dentro estaria um “[...] néctar de um gosto desconhecido, mas delicioso [...]” que, ao beber, restauraria as forças – terminaria com o cansaço e o calor e concederia energia. Após o individuo beber, o copeiro desapareceria (BANKS; BINNS, 2002: 673-675). Este individuo parece tratar-se igualmente de um ser feérico na visão de Gervase of Tilbury (OMAN, 1944: 7).

Além destes seres, a *Wild Hunt* (caçada fantástica) também se encontra associada à floresta. O seu avistamento é relatado por guardiões da floresta na Grã-Bretanha, que afirmam que em alguns dias ao meio-dia ou após o anoitecer quando brilha a lua cheia vêm um grupo de cavaleiros a caçar, acompanhados pelo barulho de cães e chifres. Estes





teriam como líder Artur (BANKS; BINNS, 2002: 337) – figura do ciclo arturiano. De acordo com o folclore, a *Wild Hunt* caracteriza-se por hostes de almas em tormento, com companhias fantasmas de tropeiros que conduzem um gado espectral a desfiles de demónios. Geralmente a figura de *Harlequin* lidera estas caçadas, porém, poder surgir também o Rei Artur ou o próprio Diabo. Esta caracteriza-se por ser uma hoste incessante, espectral e errante ou inclusive «um derrame demoníaco» que vagueava pelos bosques (WATKINS, 2007: 215-216). É precisamente isto que verificamos com a menção da «casa de Artur» (*familia Arturi*), tal como *Hellequin* surge designado como líder - *familia Herlechini* (SCHMITT, 1998: 95), bem como a azáfama sonora. Sabemos que a partir do século XII a figura de Artur começa a ser diabolizada, enquanto a «caçada de Hellequin» adquire conotação negativa. Por esta razão, em alguns relatos estas figuras surgem conectadas ou confundidas. Tanto «Hellequin» como «Artur» referem-se ao rei dos mortos que geralmente surge à noite nas florestas ou na estrada principal. Mais, de acordo com Jean Claude-Schmitt, o poder mítico do rei dos mortos – neste caso Artur, reforçou a legitimidade e a eficácia do rei vivo sobre um espaço concreto: a floresta. Assim, a floresta como espaço de caça liga-se à floresta do imaginário, na medida em que o rei poderia obter proveito do terror que a *Wild Hunt* de *Hellequin* inspirava nos seus súbditos de modo a proteger tanto as suas florestas como os seus direitos exclusivos de caça (SCHMITT, 1998: 118-120).

Gervase of Tilbury descreve ainda outro acontecimento maravilhoso, relacionado com a abundância, ocorrido na floresta de Carlisle. Esta encontrava-se “repleta de provisões infinitas de veados”, com o aparecimento frequente de um número incontável de animais que, horas depois desaparece. Segundo o autor, “[...] mesmo que a floresta seja toda varrida, não produzirá um único [...]”, indicando também a impossibilidade de perceber o porquê do acontecimento (BANKS; BINNS, 2002: 695). Gervase of Tilbury relata estes eventos pois considera as evidências fornecidas reais e não imaginadas, ainda que inclua teologia na sua obra. Sabemos que o autor teria em mente a possibilidade de algumas destas histórias possuírem veracidade (WATKINS, 2007: 222-223), o que vai de encontro com a mentalidade medieval da população, incluindo a de religiosos.

A última narrativa ocorre na vila Dalton (Inglaterra) localizada junto a uma floresta, onde abunda pastagem para o gado – novamente o contacto com a utilidade do espaço florestal. É relatado que John Francis vagueou pela natureza - «into the wilds», penetrando num local remoto «cheio de poderes do ar», todos de pequena estatura como anões, com caras hediondas e “[...] imitando falsamente as vestes sagradas da Igreja de um abade, como se ele tivesse investido de autoridade sacerdotal.”. Estes tratavam-se de





«espíritos da iniquidade» que vieram tentar o homem, que não sucumbiu devido à devoção por Cristo (MAXWELL, 1913: 60-61). Tendo em conta o contexto de tentação por parte destes seres, podemos asseverar que se tratariam, possivelmente, de demónios e de uma narrativa com um propósito moral. Isto porque a salvação das pessoas do mal encontra-se na devoção a Deus. No entanto, encontra-se presente a relação entre a floresta, o espaço selvagem, remoto, e o aparecimento do sobrenatural, neste caso de demónios.

Em suma, a floresta possui uma grande variedade de dimensões associadas, tanto ao nível de espaço real como de imaginário. No que concerne a floresta não-imaginária, esta funciona como local de recursos animais e vegetais, de pastoreio e de refúgio. A sua importância – nomeadamente para a caça, levava a que o rei emitisse legislação própria e direccionada a este espaço, o que incluía a criação de um ofício destinado à protecção e regulamentação da floresta e das actividades praticadas nela.

Relativamente à floresta do imaginário, esta propicia sobretudo o encontro de humanos, mortais, com o sobrenatural. O contacto realiza-se principalmente com seres do mundo feérico, destacando-se as fadas, de aparência muito bela, humana, mas ao mesmo tempo sobrenatural. Particularmente, o encontro entre homens e fadas origina geralmente a união e conseqüente prosperidade, que termina quando o tabu estipulado é quebrado. Esta narrativa possui semelhanças com a lenda de Melusina, sendo igualmente um motivo muito disseminado na cultura popular e na mentalidade da população da época. Apesar de neutras, algumas destas fadas possuíam características – metamorfose, que as tornavam quase-demoníacas. Ainda dentro do mundo feérico, é possível ocorrer o encontro com um outro tipo de ser, igualmente, vestido com trajes ricos e que outorgava água de propriedades mágicas que restaurava a energia e força de quem a bebesse. A par das fadas, temos também o motivo da *Wild Hunt*, de um grupo de cavaleiros em hoste infernal que é avistado por humanos que se encontram na floresta. Esta caçada fantástica possui uma conotação demoníaca, tendo em conta sobretudo as suas características, mas conferia poder e legitimidade ao rei e, sobretudo, para proteger os direitos régios sobre a floresta.

#### 4. Conclusão

A floresta na Idade Média, em particular nos séculos XII e XIII na Britânia evidencia-se como espaço pluridimensional. Não só possui uma dimensão real, física e imaginária – do maravilhoso, como dentro destes encontramos ramificações.





Em primeiro lugar, este espaço arborizado possui uma elevada importância para a economia, e para a população, nomeadamente para o rei e as suas actividades nobres. Em termos de recursos animais, o gado e o veado destacam-se, sendo que o primeiro remete para uma outra função deste espaço – a zona de pastoreio. Além da população, também os animais podem ser alvo de saque por parte de indivíduos que se deslocam pelo local.

Tendo em consideração a importância que estes espaços auferiam ao monarca, houve a necessidade de estabelecer leis próprias a estes espaços, bem como um ofício que proporcione protecção e fiscalização – os «guardiões da floresta». No entanto, a funcionalidade da floresta alarga-se também ao cenário bélico, proporcionando locais de refúgio do inimigo, muito possivelmente devido à densidade arbórea que existia e que surge descrito nas fontes. Isto vai de encontro à caracterização da floresta como espaço sombria, um atributo presente também na floresta do imaginário. Assim, aparenta tratar-se de um lugar inóspito, remetendo para a dicotomia entre espaço organizado e não-organizado, seguro e perigoso, entre o mundo cristão e o mundo pagão. Dada a sua localização longe das aldeias e cidades, pouco habitado, funcionaria igualmente como um refúgio para os cultos pagãos, o que evidencia o imaginário popular da época.

Em segundo lugar, a floresta surge igualmente como palco de manifestações do sobrenatural, possibilitando o contacto entre o mundo humano e o maravilhoso. Aqui, a floresta surge como um espaço que engloba uma realidade dentro de si, com propriedades mágicas e sobrenaturais, ou seja, como um local dentro de um espaço. No campo do imaginário, surge descrita como selvagem, sombria, remota, semelhante às narrativas da floresta real, mas também como espaço de procura da aventura, pelo que verificamos a presença de cavaleiros, ainda que estes não sejam como os protagonistas dos romances de cavalaria. Tendo em consideração estas características, bem como os encontros que ocorrem, existe como que uma denúncia do perigo que este local abrange, o que evidencia a mentalidade cristã presente na época. Geralmente o contacto entre humanos e seres sobrenaturais ocorre à noite ou ao meio-dia, mas também, em menos frequência, após o anoitecer.

Em último lugar, estes encontros possuem elementos em comum: o contacto com fadas, com seres aparentemente “demoníacos”, a *Wild Hunt*, as propriedades fantásticas da água e a abundância. Geralmente, o encontro sucede apenas entre um humano, sozinho ou distanciado dos companheiros, e o ser ou seres sobrenaturais. As fadas surgem frequentemente descritas com vestes que denotam nobreza ou aristocracia, com uma beleza incomparável, de fisionomia humana. O contacto entre humanos e fadas origina, geralmente, uma união, pelo que o motivo da «fada noiva» se encontra plasmado,





associado à prosperidade e à perda. Isto é, dá-se uma união que origina prosperidade, e que termina com a quebra da promessa inicialmente feita ou, noutras ocasiões menos frequentes, sucede o fim da felicidade do conjugue masculino, causando a sua morte. Isto evidência uma necessidade de respeito face à fada. Em algumas situações, as propriedades sobrenaturais destas mulheres observam-se pela sua transformação em dragão e serpente, associados ao maligno dentro da mentalidade cristã. As fadas geralmente consideram-se seres neutros, contudo, este tipo de metamorfose pode denotar a influencia do cristianismo na “demonização” de seres da cultura pagã. Assim, parece adquirir uma conotação «quase demoníaca». Devido a isto, são narrativas que demonstram o perigo do contacto com o sobrenatural. Estas fadas assemelham-se a Melusina, que abandona a família quando é quebrado o tabu e o conjugue a vê transformada em serpente (WADE, 2011: 122). A maioria dos autores consideram que é a fada que pretende a união, atraindo os humanos, contudo ela evidencia possuir pouca voz nas narrativas, pelo que parecem submissas à vontade do homem que as encontra. A par destas fadas, existe ainda um encontro com um ser que também pertence ao mundo feérico. Esta figura sobrenatural surge igualmente em trajes ricos oferecendo água quando o cavaleiro se encontra sozinho e profere as palavras “tenho sede”. Em consonância com outras narrativas que ligam a floresta à água que restaura a energia e força ou à abundância que esta possui em termos de recursos, podemos constatar que estes elementos naturais se encontram interligados. Estes evidenciam possuir propriedades mágicas apenas acessíveis em determinados locais e ocasiões.

Por fim, quanto à *Wild Hunt*, a sua caracterização como hoste infernal evidencia uma ligação ao demoníaco, sobretudo devido à diabolização da figura de Artur e à conotação negativa que esta caçada recebe. No entanto, este acontecimento mostra também o vínculo entre a floresta real e a floresta do maravilhoso. Isto porque permitia reforçar a legitimidade do poder do rei (real) sobre a floresta e inspirar terror nos súbditos – que tinham receio da *Wild Hunt* de *Hellequin*, uma figura diabolizada. Assim, tornava-se um meio de protecção deste espaço tão importante.

Existe, portanto, um acentuar da floresta como local de perigo. Ainda assim, nos relatos não existem evidências de medo ao entrar na floresta nem na aproximação destes seres. Mais, terão estes indivíduos atravessado a floresta e entrado numa outra «floresta mágica», onde habitam seres como fadas? As narrativas não nos fornecem indicações características disto, como a passagem do tempo diferente. Contudo, a maioria dos indivíduos encontra-se sozinho ou distanciado do resto dos membros, pelo que poderão ter atravessado uma fronteira invisível. Noutra perspectiva, podemos observar a floresta





como espaço de entrada e saída entre mundos, permitindo o contacto entre seres sobrenaturais e humanos. À semelhança das obras do ciclo arturiano, a floresta desempenha um papel muito importante na literatura fantástica como local do sobrenatural (FERLAMPIN-ACHER, 2017: 4). Com efeito, estas fontes possuem narrativas semelhantes, sobretudo a obra de Gervase of Tilbury e Walter Map, com o motivo da fada noiva e da *Wild Hunt* (MARZELLA, 2017: 574). A floresta seria, assim, um espaço que permite o contacto entre “mundos”.

## Bibliografia

### Fontes editadas

- BANKS, S. E., BINNS, James W. (ed.). **Gervase of Tilbury: Otia Imperialia. Recreation for an Emperor.** Oxford: Clarendon Press, 2002.
- JAMES, M. R. (ed.). **Walter Map De nugis curialium. Courtier's Trifles.** Oxford: Clarendon Press, 1983.
- MAXWELL, Sir Herbert (ed.). **The Chronicle of Lanercost.** Glasgow: Robert Maclehose & Company Ltd, 1913.

### Estudos

- BARBOSA, Pedro Gomes. O imaginário medieval: medos, crenças e outros confortos. *In*: RITA, Annabela; CRISTÓVÃO, Fernando (eds). **Fabricar a inovação: o processo criativo em questão nas ciências, nas letras e nas artes.** Lisboa, Gradiva, 2016, p. 341-354.
- BERTI, Beatrice. **Fairies and the Fairy World in Middle English Literature: the Orpheus Tradition from the Classical Era to the Middle Ages.** Tesi di Laurea Magistrale. Padova: Università degli Studi di Padova, 2015/2016.
- BIRRELL, Jean. Common Rights in the Medieval Forest: Disputes and Conflicts in the Thirteenth Century. **Past & Present.** Oxford, no. 117, p. 22-49, 1987.
- BIRRELL, Jean. The Medieval English Forest. **Journal of Forest History,** Oxford, Vol. 24, No. 2, p. 78-85, April 1980.
- COHEN, Meredith, MADELINE, Fanny (eds.). **Space in the Medieval West. Places, Territories, and Imagined Geographies.** New York: Routledge, 2016.
- DOOB, Penelope Reed. **The Idea of the Labyrinth. From Classical Antiquity through the Middle Ages.** Ithaca: Cornell University Press, 1992.





- FERLAMPIN-ACHER, Christine. The Natural World. *In*: McFadyen Johnny, Tether, Leah (eds.). **Handbook of Arthurian Romance: King Arthur's Court in Medieval European Literature**. Belin, Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2017. p. 239-258.
- HANAWALT, Barbara A., KOBIALKA, Michal (eds.). **Medieval practices of space**. Volume 23. Minnesota: University of Minnesota Press, 2000.
- HOSKINS, William George (ed.). **The Making of the English Landscape**. 4th edition. London: Hodder and Stoughton Ltd., 1960.
- JONES, Richard. **The Medieval Natural World**. New York: Routledge, 2013.
- KEEN, Maurice. **The Outlaws of Medieval Legend**. 4th edition. New York: Routledge, 2000.
- LEGOFF, Jacques (dir.). **O Homem Medieval**. 1ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- LEGOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LEGOFF, Jacques. **O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval**, Lisboa: Edições 70, 2017.
- LITTLE, A. G. The Authorship of the Lanercost Chronicle. **The English Historical Review**, Oxford, no. 122, vol. 31, p. 269-279, April 1916.
- MARZELLA, Francesco. Tackling mirabilia: Gervase of Tilbury, Walter Map and the Church Fathers. *In*: \_\_\_\_\_. **Felici curiositate. Studies in Latin Literature and Textual Criticism from Antiquity to the Twentieth Century. In Honour of Rita Beyers**. Turnhout, Bepols, 2017, p. 573-594.
- MENCEJ, Mirjam. Spaces of Passage into Supernatural Time. **Tautosakos darbai XLIV**, Lietuva, p. 30-48, 2012.
- MOORMAN, J. R. Edward I at Lanercost Priory 1306-7. **The English Historical Review**, Oxford, vol. 67, no. 263, p. 161-174, 1952.
- OMAN, C.C. The English Folklore of Gervase of Tilbury. **Folklore**, United Kingdom, vol. 55, no. 1, p. 2-15, Mar. 1944.
- PORTEOUS, Alexander. **The Forest in Folklore and Mythology**. 1st edition. New York: Dover Publications Inc., 2002.
- RITTER, Eva, DAYKSTA, Dainis (eds.). **New Perspectives on People and Forests**. Berlin, Springer Science + Business Media, 2011.
- RUSSELL, Jeffrey Burton. Folklore *In*: \_\_\_\_\_. **Lucifer: The Devil in the Middle Ages**. Ithaca, Cornell University Press, 1984, p. 62-91.
- RÜTH, Axel. Representing Wonder in Medieval Miracle Narratives. **MLN**, Baltimore, vol. 126, no. 4, p. S89-S114, 2011.





RYAN, Harper. **The Representation of Woodland Space in Middle English Popular Narrative**. Thesis submitted for the Degree of Doctor of Philosophy. Rochester: University of Rochester, 2011.

SAUNDERS, Corinne. **The Forest of Medieval Romance: Avernus, Broceliande, Arden**. 1st edition. Cambridge: D.S. Brewer, 1993.

SAUNDERS, Corinne. **Magic and the Supernatural in Medieval English Romance**. 1st edition. Cambridge: D. S. Brewer, 2010.

SCHMITT, Jean-Claude. **Ghosts in the Middle Ages. The Living and the Dead in Medieval Society**. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

SCHWIETERMAN, Patrick Joseph. **Fairies, Kingship, and the British Past in Walter Map's De Nugis Curialium and Sir Orfeo**. A dissertation submitted in partial satisfaction of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. California: University of California, 2010.

VÍDALÍN, Arngrímur. Some Thoughts on the Supernatural, the Fantastic and the Paranormal in Medieval and Modern Literature. *In: KUUSELA, Tommy; MAIELLO, Giuseppe. Folk Belief and Traditions of the Supernatural*. Scotland, Beewolf Press, 2016, p. 7-26.

WADE, James. **Fairies in Medieval Romance**. 1st edition. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

WATKINS, C. S. **History and the Supernatural in Medieval England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

WOOD, Juliette. The Fairy Bride Legend in Wales. **Folklore**, United Kingdom, vol. 103, no. 1, p. 56-72, 1992.

